

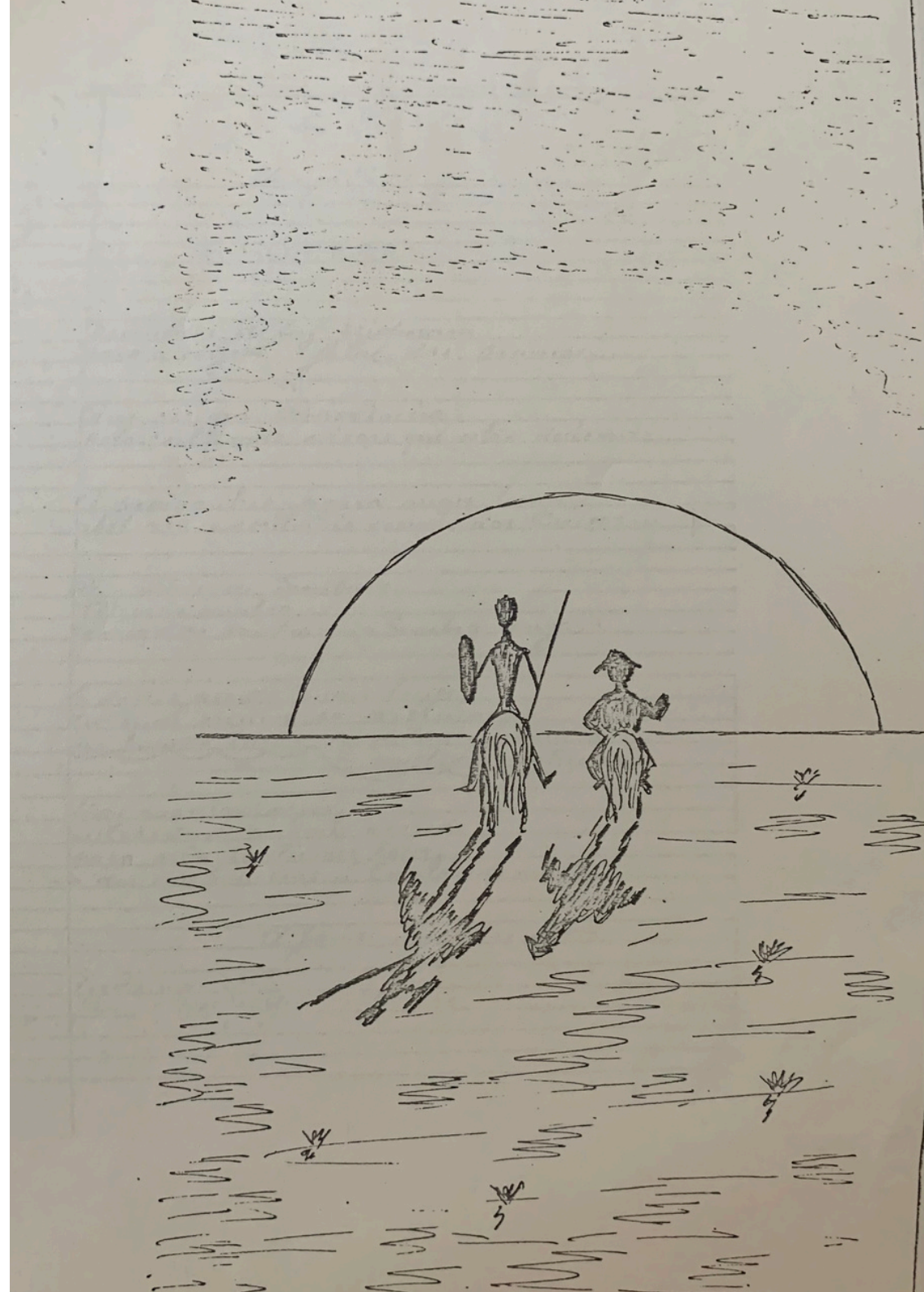
Lauro Machado

Migalhas

Coletânea realizada apenas com intuito de pesquisa e trato pedagógico sob competente orientação da Professora Clarice Pereira.



A obra poética de Lauro Machado é mergulhar na pureza da estética simbolista. O mistério da arte, abstrata e material, encontra neste poeta um criador de signos. Em seu texto, a metáfora existe adulta, as personificações fazem-se maiúsculas, figura e cor geminam-se tranquilamente. O verso musical e intimista atinge o mundo interior a que se destina, criando estados de alma carregados de profunda força emotiva.



Sombras

Desmaios de luz perduram
para a origem fatal das Brumas...

Que serena comovência:
pelas últimas névoas que estão descendo...

-A penumbra agora mais longe,
-abstrata o contorno remoto das cousas...

Há mãos de sombras
tece3ndo sombra,
semeando sombras, na sombra longa...

E depois, ainda mais longe,
todos os escuros se debruçam
no fundo turvo da distância oculta...
amplidão Noturna...

Mas quantas vezes
outras luzes a noite acende,
para não sentirmos, talvez,
a dor das sombras... Comovidamente...

Arroio Grande, Novembro de 1973.

Velho tema

Chove...
Quanta dor desce do céu chorando...

-Venta...
Quanta queixa vem do longe errando...

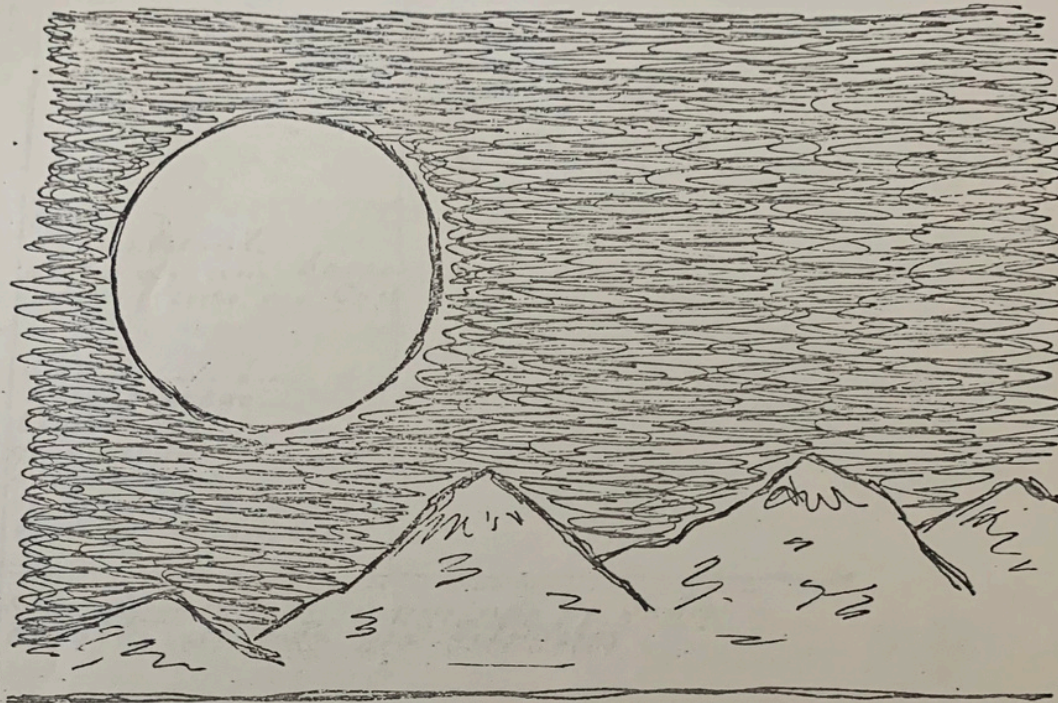
Noite para escutar,
religiosamente,
os Noturnos de Chopin.

Noite para sentir,
piedosamente,
a Elegia do vento...
o salmo da chuva...
e repetir a "Reverie" da Sehumann.

Noite para guardar
profundamente,
a nostalgia do além
e este soluçar que chega
de Sehumann... e de Chopin...

Momento
para esquecer
a Realidade amarga
das horas que nos maltrataram...

Arroio Grande, julho de 1973 - Ao Sátryo S. Carriconde.



Sou

SOU
simplesmente
Restos de um barco
adormecido no Cais

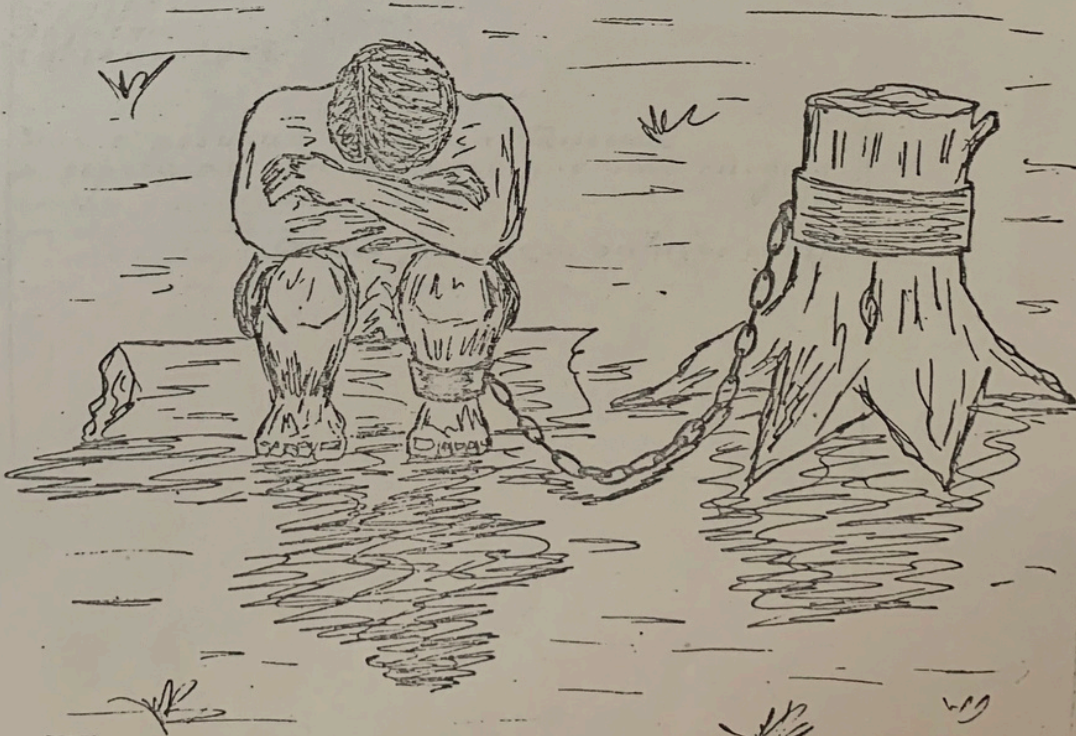
SOU
um córrego
Limitado
que viaja
sem rumo
sem nome
sem mensagem

SOU num mundo de Gritos
o Medo de não ser Silêncios

SOU
apenas
Alguém
IMPERMANENTE

SOU o resumo de uma Queixa
à espera de um “Milagre” que não chega...

Arroio Grande, Outubro de 1970.



Canto Obscuro

Enraizei-me no Tempo

Existo do limite das Horas
Imóvel como as Sombras que dormem

Quis acordar para a luz
mas sou o sono indisperto
e a comovência das Brumas

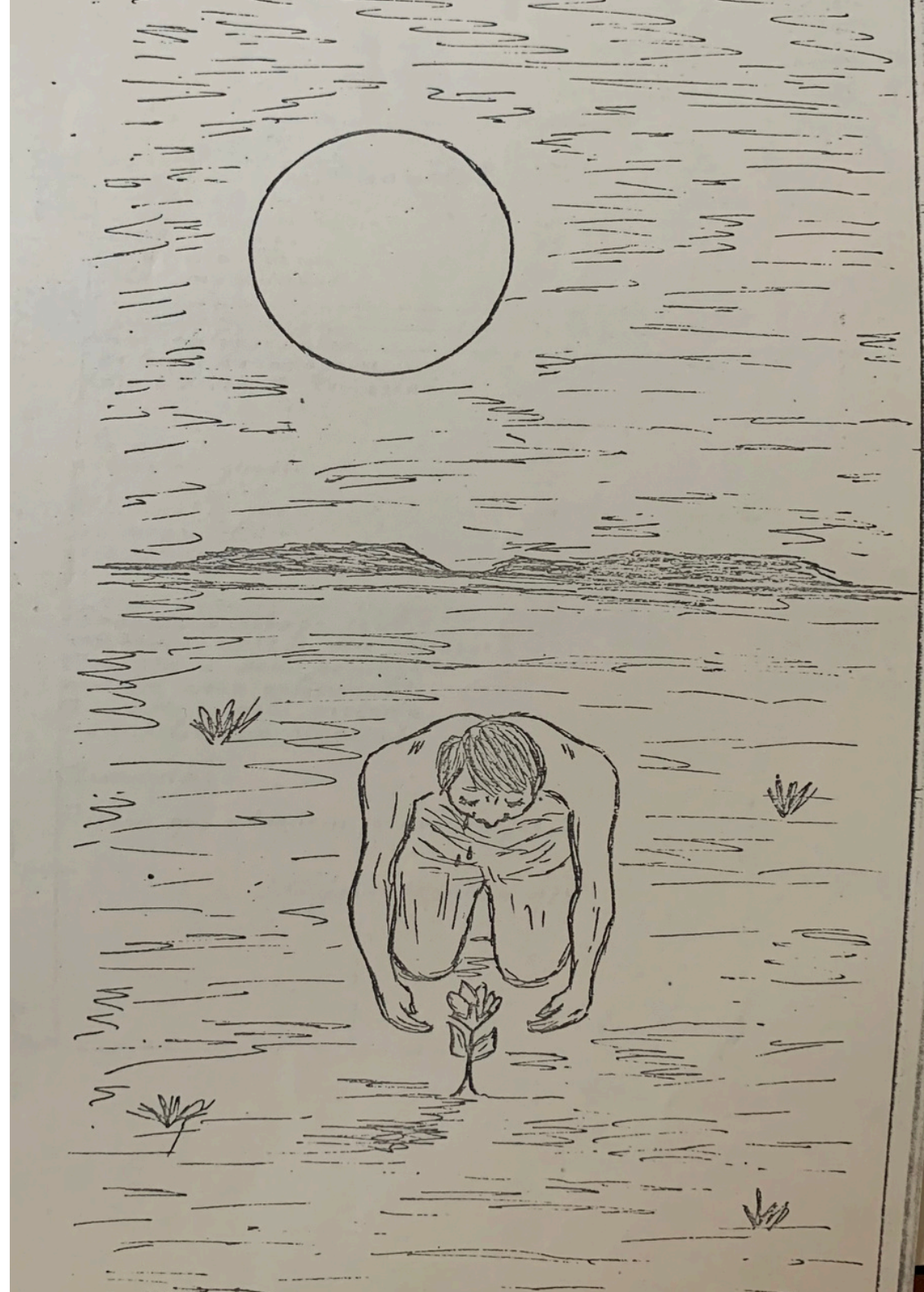
Venceu-me a Distância

Nada mais há
que a miragem do longe da Montanha

Perdi-me na Selva Escura
à procura da clareira Oculta

Sou mais
do que um gesto ausente
denso de cansaços
abraçando o Tempo

Arroio Grande, Junho de 1972.



Quando

Asas no ar.
Rosas na terra.
Velas no mar.

Num outro Palco,
“as luzes se apagam
para a troca de canários”...

No ar,
aviões de guerra.
Na terra,
tanques de guerra.
No mar,
naves de guerra

Quando o espaço será,
de novo, o céu dos pássaros?
Quando a Rosa esmagada
noutra rosa retornará?
Quando a vela arriada,
no mastro, será alçada?

Quando?
Assim que o homem se humanizar...

Arroio Grande, Agosto de 1974.

Simplemente

Crescer
em silêncio, como árvores,
sem sofrer...

Existir
Impassível, como as pedras,
sem sentir...

Ser sombrio, oculto e frio,
como leito de um rio,
sem gemidos...

Permanecer
indiferente,
como a areia da praia,
como a espuma do mar,
sem eismar...

Subsistir,
alheio
à dor imensa
do irmão que sente, sofre e chora,
resignadamente...

Ser,
simplemente, insensível como as Coisas
que o tempo não altera, nem consome...

Arroio Grande, Setembro de 1973.

Longe demais

Deixei meu grito no silêncio do Cais.
Perdi-me nas águas longe demais...

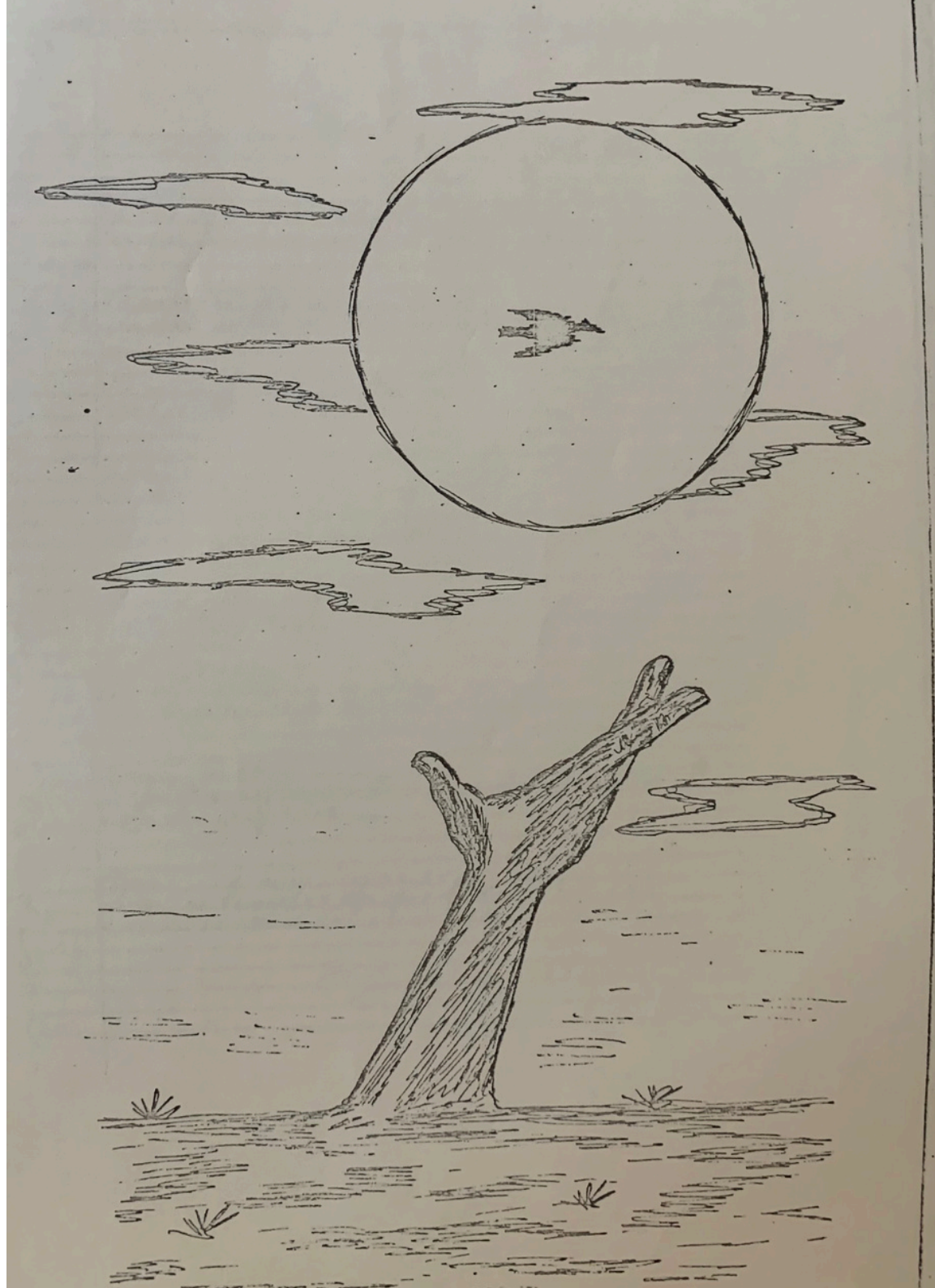
Meu Barco
sem leme,
sem vela,
sem remo,
perdeu-se
no Mar
Longe demais...

E o embalo das vagas me embalam
nas águas vastas, vastas demais...

Talvez o imprevisto dos ventos,
Ou o milagre das mãos de Iemanjá
levem meu barco tão leve,

sem leme,
sem vela,
sem remo,
às praias perdidas longe demais...

Arroio Grande, Janeiro de 1975.



Terra Natal

Longe de ti, que intensa desventura,
Sem queixa, supor-tei no estranho meio;
Que funda mágoa, que infinita agrura
Por longos anos torturar-me veio.

Agora !... em mim anda esta paz tão pura,
Um jeito antigo de querer, e eu creio
Que é o mesmo gesto enorme que perdura,
Em sentir-me enraizado no teu seio.

Querer-te é o meu desejo obstinado:
Eu nunca hei de esquecer o Chão que encerra
Evacuações saudosas do passado...

Gosto de ti assim, quieta e pequena
Amo-te ansiosamente, minha Terra,
Acolhedora, cálida, serena

Arroio Grande, Abril de 1973.

Nota: Rédito o soneto com algumas alterações.
Valho-me do ensejo, tão grato, tão
tocante para com esta composição
reverenciar o Centenário da minha
Arroio Grande.

Carreteiro

Ele não teme o frio, a chuva, o vento,
Nem o vasto das várzeas desoladas;
A intensa luz do sol, num ardimento,
Nem o negror da boca das picadas.

No mutismo do longe sismarento,
Ele ouve da carreta, nas estradas,
o Ranger uniforme de um lamento,
Rolando nas plenuras e quebradas.

Na escura noite, em que o sossêgo dorme,
Aviva-se uma chama iluminando
Um pedaço de chão... do chão enorme;

Sob o selente abrigo do salgueiro,
Há agonias de luz ainda clareando
o pouso do sozinho Carreteiro...

Arroio Grande, Outubro de 1973.

Nota: Este decantado tema,
que avoca o simbolo,
desaparecendo do
carreteiro, e dedicando ao CTG de Arroio Grande,
“Tropeiros da Querência”, que num esforço quase
religioso, procura manter acesa a chama das Tradições
Gaúchas.

Tempo 1

“Cada tempo
deixa uma imagem
dentro de nós”.

Em cada Destino
o renovado germinar das Cismas...

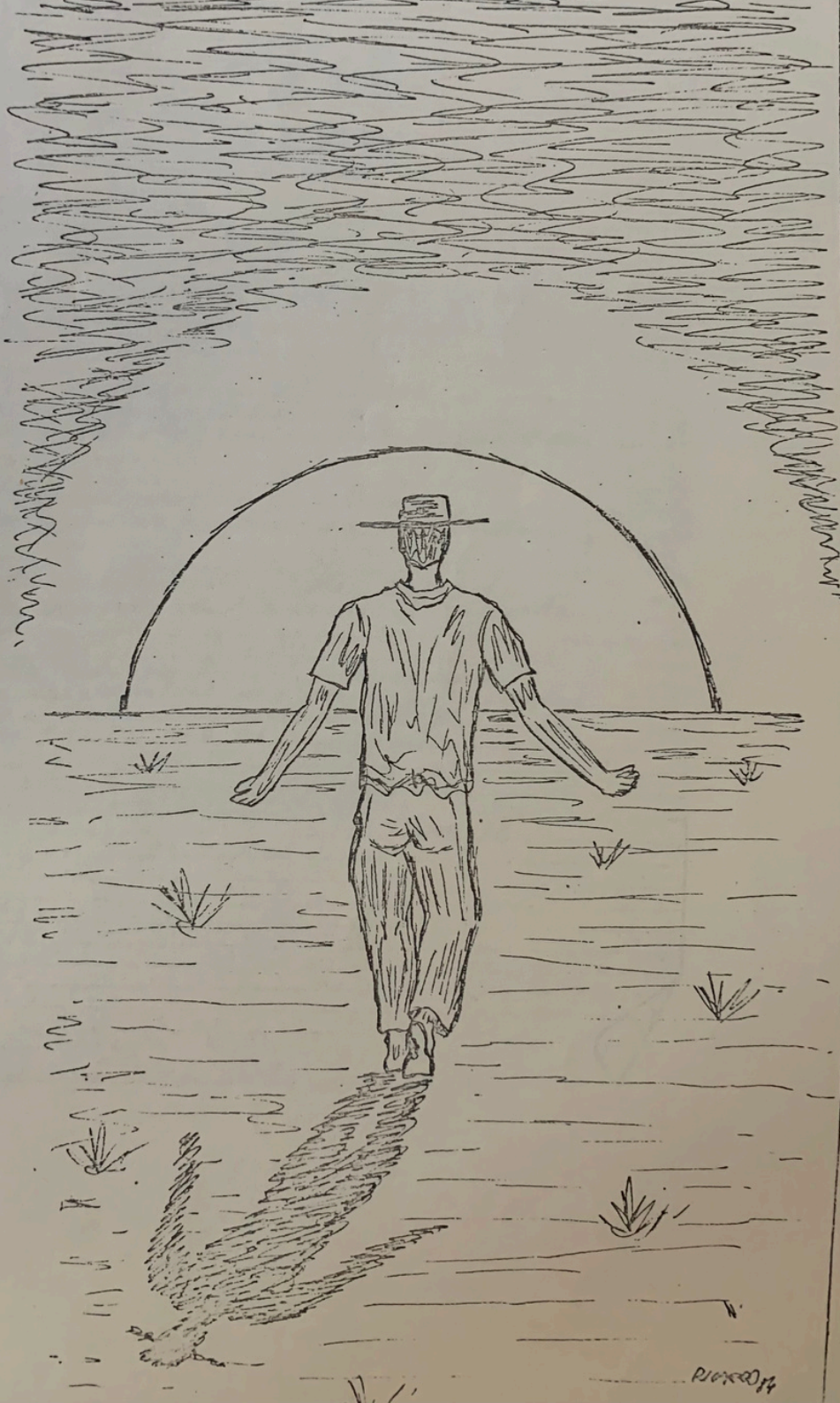
Lembranças adormecidas
despertam, persistem,
e se emraizam no subsolo da Vida.

Há recordações sombrias
no andar das horas se repetindo.

Na meia-sombra do passado
o consolo do Momento Iluminado...

No todo do tempo permanecer
o irredimível das Coisas já vividas
e o medo... este MEDO obsessivo
DO TEMPO QUE HÁ DE VER...

Arroio Grande, Novembro de 1972.



Tempo 2

“ O tempo
é o dia que está fazendo.”

Nem luz...
Nem céus...
só brumas...

O pólen das névoas
pousou no cálice da terra.

Distâncias quase apagadas
flutuam na súplica das águas.

Agora,
Nem das vestidões veladas
o verda vago dos vales...

Depois
outras sombras
alongam a angústia dos rumos longos.

Dentro das horas que rondam o tempo,
somos o dia,
esta DIA CINZA... que está fazendo...

Arroio Grande, Dezembro de 1972

Tempo 3

Hoje,
amanheceu assim:

Luz
Só luz...
e um céu absolutamente azul.

O vento se fez silêncio...
A dor das coisas... esquecimentos...

Parece que só a seiva
Sangue vital
pulsa na alma silente dos vegetais.

Na água-parada,
flutuam claridades
e sombras verdes se afundam
em seu íntimo aquietado.

E, depois
silenciosamente igneos
abrigam num abraço rubro
todas as claridades, todas

Até que enfim,
As amagas não...”
ficaram em mim.

Arroio Grande, janeiro de 1973

Tempo 4

“Somos o resultado do tempo,
oriundos do animal,
ainda vivo em nós”.

DESATINO,
DESENCANTO,
DESESPEROS,
é a consequência deste agora ensombrecendo
um resto de luz...
que se dilui no tempo

REPULSA,
REVOLTA,
RANCORES,
e tanto ódio recendendo ódios,
é a origem absurda e primitiva
do animal que acorda em nós...

TRISTEZA...
ANGÚSTIA...
COMOVÊNCIAS...
para quem sente conscientemente,
o desumano HORROR
deste depressivo Instante,
que nasce... se avulta... e se alastra...
neste mundo que se faz pequeno
para suportar tanta DESGRAÇA...

Arroio Grande, Maio de 1973.



Desencanto



Desalento
de saber que meu canto
 Obscuro
 Limitado
 Submisso
traz em seu todo meu louvar Restrito

Destino
de sentir o meu canto
Obscuro
Humilde
Aflito
É um eco inexpressivo
que não vai além,
além de mim

Desencanto
de existir um imortal Ocaso
Onde a luz se apaga
e a sombra é lenta
lenta como as Coisas
que não dizem nada

Tristeza
de saber que meu canto
Obscuro
Humilde
Limitado
é o descanto obstinado
do meu ser inculto e gasto.

Arroio Grande, Maio de 1971.



Súplica

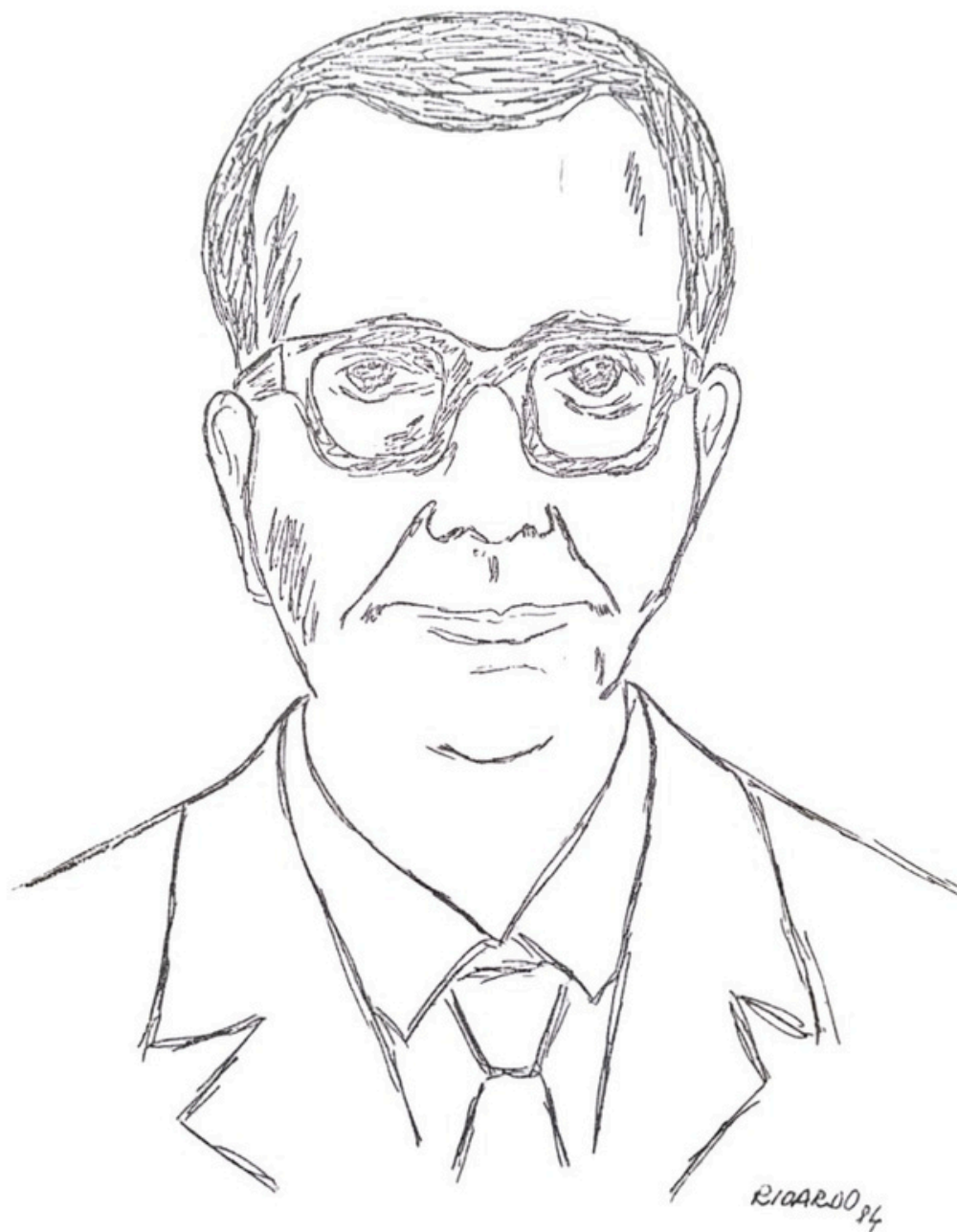
Verte sobre mim, ó claridade:
LUZ...
para esta longa noite continuada...

Verte sobre mim, ó claridade:
CRENÇA
para esperar dentro da sombra
Claros instantes nos quais eu creio tanto...

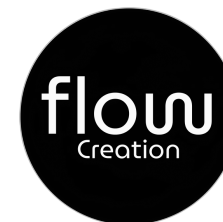
Verte sobre mim, ó claridade:
VIDA...
para existir no íntimo do certo,
sem perder-me na distância
dos caminhos que detesto...

Verte sobre mim, ó claridade:
LUZ! mais LUZ...
para redimir este vazio...
Denso...
Denso...
DE BRUMAS...

Arroio Grande, Agosto de 1971.



Produção da Revista



Ilustrações

Ricardo Freitas, Donga.

Colaborador:

Anderson Machado



19^a Feira
do livro
de Arroio Grande

IZMOPR

Realização:

